

## **Cultura Brasileira: Uma contribuição à luz cultura Fulni-ô**

### **Resumo**

A riqueza da cultura brasileira encontra-se fundamentada na tríplice raiz de sua formação. Entretanto, no que diz respeito às culturas dos povos indígenas, os nossos conhecimentos ficaram historicamente aquém do desejado e do necessário. A presença do Índio Thini-á da tribo Fulni-ô falando de sua cultura evidenciou o quão longe estamos dos elementos mínimos indispensáveis para vislumbrar uma relação de valorização e respeito à diferença. O desafio de aprender e reaprender com os povos nativos, valores constitutivos de uma sociedade mais humana eclodem a cada palavra proferida por esse sábio brasileiro, excluído e marginalizado no processo de desenvolvimento social. Utilizando-se da serenidade, da calma e da sabedoria, Thini-á apresenta seu povo, suas lutas, sua cultura e seus sonhos.

**Palavras Chaves:** Cultura, Diferença, Índio, Fulni-ô, Valores humanos

## **Brazilian Culture: a contribution to culture Fulni-ô**

### **Abstract**

The richness of Brazilian culture is based on the triple root of their training. However, with regard to the cultures of indigenous peoples, our knowledge have been historically far from desired and necessary. The presence of Thini-á Indian tribe will Fulni-ô him talking about his culture showed how far we are the essential minimum and enjoy a relationship of appreciation and respect for difference. The challenge to learn and relearn with the native peoples, values constitute a more humane society hatch every word spoken by the wise Singapore, excluded and marginalized in the process of social development. Using the serenity, calm and wisdom, Thini-a shall submit its people, their struggles, their culture and their dreams.

**Keywords:** Culture, Difference, Indio, Fulni-ô, human values

## Introdução

As discussões acerca da cultura brasileira nos remetem necessariamente ao questionamento a respeito das identidades e suas particularidades na sociedade brasileira

No contexto da sociedade brasileira, pode se perceber que os desafios colocados pela questão das identidades, que a cada tempo vão ser abordados em conformidade com os interesses que se desejavam afirmar. Segundo (ORTIZ, 2006), em diferentes épocas, e sob diferentes aspectos, a problemática da cultura popular se vincula à da identidade cultural.

Existe na história intelectual brasileira uma tradição que em diferentes momentos históricos procurou definir a identidade nacional em termos de caráter brasileiro. Sergio Buarque de Holanda buscou as raízes do brasileiro na cordialidade, Paulo Prado, na tristeza, Cassiano Ricardo na bondade, outros escritores procuraram encontrar a brasilidade em eventos sociais como o carnaval ou ainda na índole malandra do ser nacional (ORTIZ, 2006, 137)

É claro que ao colocarmos o tema em questão na contemporaneidade, também nós o fazemos movidos por interesses, que julgamos legítimos. Em pleno século XXI, vivemos o tempo das diferenças se manifestarem. E sua manifestação é condição de proclamação de dignidade humana.

Tratar de identidade cultural pressupõe uma certa dose de navegabilidade pelos meandros das culturas. Navegabilidade essa que obviamente perpassa os múltiplos conceitos e concepções de cultura, tendo em vista os povos formadores do nosso país.

A cultura é um fenômeno complexo e a melhor maneira para entendê-la é a de fixar suas principais características. Elas podem ser agrupadas segundo três aspectos: a origem, a forma e a finalidade. Do ponto de vista da origem, a cultura é humana, social e laboriosa (...) Do ponto de vista da forma, a cultura é sensível, dinâmica, múltipla e criativa (..) Do ponto de vista da finalidade, para alguns é considerada essencialmente religiosa, para outros humanistas, e por outros naturalista ( MONDIN, 2005, 179 -181)

Além do mais, nunca é demais frisar o alerta, ao discutir o tema da cultura, feito por José Luiz dos Santos.

Na America Latina, e o Brasil é bem um caso, as culturas dos povos e nações que habitavam suas terras antes da conquista européia foram sistematicamente tratadas como mundos à parte das culturas nacionais que se desenvolveram. (SANTOS, 2005, 33 e 34)

Ao particularizarmos nesse artigo uma das culturas indígenas, uma primeira idéia que ocorre está relacionada à música Índio do Uruguai.

Eu conheci um velho índio do Uruguai/ Que há muito já foi onde a gente nem sabe se vai/ Conhece a vida traz prá frente e frente prá traz/Andou nos caminhos do vem, nas veredas do vai/ Eu aprendi com o velho índio do Uruguai/,que a vida é de quem corre menos em busca do mais/ Disse que o mar pára na areia/ me disse que a alma é mais pura naquele em que a carne é mais feia/.Conheci um velho índio do Uruguai/ Que fez e que faz coisas índias que o branco não faz/Me disse que a Estrela-d'alva assim que sai É hora de falar ao Filho em nome do Pai .E disse que o mar, pára na areia/ me disse que fome de amor só o amor é que serve de ceia. (Dante Ramon Ledesma e Arnaud Rodrigues)

Eram os anos oitenta. Era eu então um aprendiz de violão. Muitas canções faziam parte dos repertórios de um praticante assíduo. Dentre tantas ,essa, “Índio do Uruguai”. Gostava da música pela melodia ,mas sobretudo, pela forma como falava de um jeito de aprender as coisas associado à oralidade, e ao velho. Falava da vida, do amor, de coisas lindas, do mar. Isso me encantava. Chamava-me muito a atenção o “conhecer a vida trás pra frente e frente pra trás” bem como “a vida é de quem corre menos em busca do mais”.

Muitos anos se passaram e tenho a graça de retomar a temática dessa música num contexto totalmente diferenciado- um Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas , trabalhando uma disciplina de Cultura Brasileira.Não mais um “índio do Uruguai”, mas um índio do Brasil. Falo de um índio da Tribo Fulni-ô. Algumas afirmações da música do índio do Uruguai são reavivadas na fala de um outro índio,como se falasse de um mesmo povo, ou quem sabe de um povo irmão em uma mesma história.

O presente artigo objetiva partilhar um pouco da riqueza que alguns de nós teve a oportunidade de vivenciar em um encontro inesquecível com o índio Thini-á, da Tribo Fulni-o.

Inicialmente, tomo como forma de apresentá-lo, um texto que pode ser acessado em sua página. Em seguida passo a fazer considerações a partir do que vi, ouvi, apreendi no encontro com ele na Unigranrio e finalmente apresento alguns depoimentos recolhidos junto a alguns dos participante do evento

## 1. Conhecendo Thini-á

Até poucos dias atrás, falar o nome de Thini-á, nada sugeriria. Apenas mais um nome diferente. Algo distante, com indícios de um nome indígena, por associação e semelhança ao nome Thainá, filme sobre uma menina indígena da Amazônia, veiculado algumas vezes nos cinemas e na TV.

O diferente, o desconhecido anseia pela oportunidade de se dar a conhecer. Parece que aguardam uma “brecha” par sua manifestação. Essa é a sensação que ficou depois do encontro com Thini-á. Tão pouco tempo, tantas novidades sobre um povo tão antigo e tão imperceptível na construção sócio-cultural da sociedade brasileira. Ele falando de si, nos possibilita uma compreensão mais qualificada de sua cultura, sua luta e seu povo.

Conforme os costumes da etnia Fulni-ô, no momento do nascimento, a mãe índia dá nome à criança segundo os acontecimentos à sua volta. Uma certa noite, nasceu um indiozinho, e sua mãe, Thassi, olhou para o céu e viu que as estrelas eram muitas e, por isso, chamou-o de Thini-á, que significa “estrela”. Thini-á nasceu às margens do Rio Ipanema, um afluente do Rio São Francisco, nas terras dos Fulni-ô, Estado de Pernambuco. Fulni-ô significa “a gente que mora junto ao rio”. São falantes da língua Yathê, tronco macro-Gê. Desde pequeno foi um índio muito irrequieto e resistente às descaracterizações culturais e invasões que sua tribo sofreu. Por isso, com o intuito de ajudar o seu povo, deslocou-se para Garanhuns (em Pernambuco), para aprender a língua portuguesa e estudar. Depois de terminar o primeiro grau, voltou para a nação Fulni-ô. Com os conhecimentos que o estudo lhe proporcionou, foi para Brasília acompanhar de perto as ações da FUNAI e do Ministério da Justiça em relação à política de demarcações de terras. Desejoso de mais conhecimento para melhor ajudar seu povo, retomou os estudos, completando o segundo grau.

Interessado, surpreso e irritado com as distorções dos meios de comunicação a respeito da problemática indígena, foi para São Paulo, com o apoio do então Ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, para estudar na USP, no curso de Cinema, Rádio e Televisão da ECA (Escola de Comunicações e Artes), a fim de absorver as técnicas e produzir documentários sobre a realidade indígena brasileira. Estabeleceu muitos contatos ao longo de seu trabalho, se envolvendo com grupos de antropólogos, historiadores, educadores e outros que o incentivaram a divulgar as tradições e lutas indígenas de seu povo e de outros povos indígenas do país, que como os Fulni-ô, enfrentam o avanço da sociedade.

Os Fulni-ô, como muitos outros povos indígenas do Nordeste brasileiro, sofreram as transformações que são características de quem tem um longo tempo de contato com a sociedade envolvente (“branca”). Mesmo assim conseguiram, apesar deste contato imposto, preservar sua sabedoria ancestral. Até porque não existe, nem jamais existiu, povo nativo no mundo que tenha vivido em absoluto isolamento cultural.

Contudo, a opinião pública ainda está acostumada a operar com uma imagem de índio idealizada: este índio brasileiro ideal é sempre forte, alto, quase sem pêlos e vivendo em “estado natural” na selva, que é sua origem e seu destino. Thini-á, incorpora a imagem do índio na cidade, funcionando como um mensageiro entre os anseios e curiosidades do seu povo (que também quer saber um pouco mais sobre a cultura do “branco”) e a necessidade de informação do povo da cidade sobre a sabedoria dos povos nativos em nosso planeta Terra. (*thinafulnio.com.br*)

## 2. Para guardar na memória

A formação do povo brasileiro é marcada definitivamente pela tríplice raiz cultural. A partir de uma qualificação do olhar, é perceptível na cotidianidade da vida da sociedade brasileira, os traços reveladores das diferenças culturais. São diferenças que expressam uma enorme riqueza. Entretanto essa riqueza tem sido historicamente relegada em nosso país.

O demasiado embranquecimento cultural resultante de uma concepção europeizada de valores, tem aniquilado as nossas consciências e formatado um modo de ver e pensar o mundo, o ser humano, desconsiderando as particularidades dos grupos socioculturais que secularmente foram dominados nessas terras.

No intuito de trazer à luz alguns aspectos dessas culturas dominadas, é que se inscreve a presença do Índio da Tribo Fulni-ô em um seminário do curso de Mestrado em Letras e Ciências Humanas da Universidade UNIGRANRIO.

Um dia histórico sem dúvida. Dia 21 de setembro de 2009. Uma expectativa fora do comum. Não seria apenas mais um dia de aulas no curso de mestrado. Era um dia especial. A arrumação da sala já anunciava algo deferente. Os olhares das pessoas expressavam a curiosidade sadia de quem busca o saber. Estava ali desenhado um clima, um contexto especial.

Inicia-se a fala de **Thini-á, da tribo Fulni-ô**. Uma calma, uma serenidade, uma sabedoria incontestada. Falou inicialmente em sua língua Yathê. Coisa de dois ou três minutos. Ninguém de nós entendeu, salvo as palavras Brasil, universidade. Em seguida justificou o porque de sua fala iniciar daquele jeito – “ muito gostaria de falar com vocês em minha língua, mas não adiantaria pois vocês não conhecem a língua de meu povo”. Cabe ressaltar aqui que ele estava falando para mestrandos e doutores em uma academia.

Assumindo a língua do branco, para que pudéssemos entender, continuou ele. “ o mundo do branco é muito complicado. As palavras são difíceis de entender.” Passa ele então a explanar como se deu seu processo de estudo na UNB – Universidade de Brasília - sem que ele fosse universitário. Ensinavam-me as palavras guarda napo, guarda chuva, guarda de trânsito. então eu perguntava o que é guarda? E napo? Diziam papel de limpar a boca. Pensava eu isso é complicado. Em minha língua as coisas são mais simples. Como entender isso?

Esse papel não guarda nada. E guarda chuva? “Também não guarda nada.” Seguindo a mesma lógica do modo de pensar do branco, ensinavam-me as palavras calça – roupa e bota – calçado. De repente me diziam “bota a calça, ou ainda calça a bota”. “então eu dizia para mim mesmo, o que é isso? “Homem branco é complicado”.

“Na universidade diziam que eu era índio. Eu não sou índio. Mas eles diziam que era. E eu tive que ser. Em função do erro de Cabral me tornei índio para o branco”.

Numa época tão remota, ainda tão presente, os colonizadores europeus caracterizaram de forma altamente genérica os povos originários destas terras, por meio de nomenclatura “índios”. Este enfoque não consegue reconhecer e respeitar a construção histórica e étnica de cada nação indígena, bem como sua contribuição tecnológica e educativa no manejo da natureza e no seu pensamento reflexivo frente ao mundo, desconsiderando sua existência milenar. Estes povos nomeados índios, possuem línguas, costumes, universo mitológico e espirituais distintos entre si (HOFMANN, 2008, 73-74)

Retornando à fala de Thini-á, ao narrar o que lhe era ensinado no processo educacional, disseram-lhe que quem descobriu essas terras foi Cabral. Ele tinha que ouvir e aceitar, mesmo sabendo que não era verdade. E mais, que o deus dos índios era Tupã. Entretanto o deus da sua tribo, não era Tupã. Assim como Tupã não era deus de umas tantas outras tribos que ele conhecia. Mas na hora de fazer a prova para avaliar o seu aprendizado ele tinha que dizer o que o branco ensinou. Então ele tinha que mentir. Vez por outra, para provocar a discussão ele errava de propósito. Quem descobriu o Brasil? Respondia ele Luiz Gonzaga!

Thini-á contou-nos um pouco de como na sua cultura se dá o processo de aprendizado. “na cultura de meu povo não se diz não a uma criança. Pois o não evoca o por quê? – esse por que pode significar uma explicação que a criança não está suficientemente madura para assimilar- Então a criança diz: mãe quero tomar banho no rio. A mãe diz sim, eu vou também. Lá chegando pega a criança e mergulha na água várias vezes, sufocando-a. Afunda e tira. Após a criança beber muita água no rio, ela pergunta: quer me matar? Então a mãe explica: eu faço isso por que te amo. O rio é perigoso, quando vem a tromba d’água ela afoga e mata. Ela não ama você.” Na mesma perspectiva do ensinamento, narrou outro fato. “uma criança quer mexer com fogo. A mãe pega a mão da criança e aproxima do fogo, esquenta, esquenta até ela não agüentar mais. Em

seguida passa um remédio e dá mamá para ela se calar. Essa criança não vai mexer com fogo enquanto sua mãe está nos seus afazeres”

A riqueza presente na cultura do povo Fulni-ô continuou sendo compartilhada. Dessa vez falou de como é a compreensão do ser humano. “ Na minha cultura, só temos o Eu, o Tu e o Nós. Não existe o ele, o vós e o eles. Então na relação ou sou eu ou tu que faz a ação. Em não sendo, então somos nós.” Na explicação dessa concepção, está segundo Thini-á, a impossibilidade de se culpar alguém que não está presente. Isso geraria tristeza, desconfiança e culpabilidade. Sendo assim, o ser humano tende a não errar e ou se responsabilizar pelo seu erro . A concepção de poder também foi explicitada na fala. Esse por sua vez se desenvolve e se exerce de forma circular, onde um manda no outro que manda no outro até chegar no primeiro que mandou. Todos mandam em todos e não existe o poder centralizado em alguém. Em relação à mulher, destacou a sua associação à terra. Ela é fértil, fêmea, dá cria, dá frutos, é mãe e é sagrada. Dai a necessidade e o ensinamento para o seu devido respeito.

Com um modo de pensar devidamente contextualizado demonstrou com uma simplicidade impar caminhos de elaboração de uma crítica ao sistema capitalista em que vivemos, onde o valor das pessoas está associado ao que ela tem. Em conformidade com esse pensamento do branco, afirma ele, o ser humano perde a capacidade de amar, pois não se tem tempo para amar. É preciso ganhar dinheiro para pagar as contas. E fica feliz quando consegue pagar as contas. Trabalha, trabalha para comprar tudo de melhor qualidade, casa, carro, etc. E se mata trabalhando para pagar. No entanto esse homem branco é tão prepotente que nas relações ele “faz amor”, enquanto o índio apenas ama. O amor segundo ele já existe, não se faz mais. Ilustrou seu modo de pensar evocando-nos a analisar as letras das músicas do homem branco. O branco sempre está cantando um amor que perdeu ou um amor que quer conquistar. É sempre passado e futuro, nunca o presente. Destacou ainda a forma calculista com a qual o homem branco se relaciona com a mulher. Calcula o que vai falar o que ela vai gostar de ouvir, o que precisa ter para conquistá-la.

À luz do exposto até aqui, entendo ser pertinente trilharmos um caminho de uma compreensão cultural onde possa ser realçado o jeito de ser, jeito de fazer e de viver de um determinado grupo étnico ou mesmo um povo. Evidente que se

cultura pode ser compreendida como a capacidade de transformação da natureza presente na ação do ser humano, e que isso é feito à luz de uma melhor qualidade de vida, os diferentes grupos ou povos agem na natureza em função do seu modo de ser. Os elementos de caráter identitários influenciarão decisivamente no modo de pensar, organizar e atuar no mundo, enfim, no modo de viver. A fala de Thini-á demonstrou que não é a mesma coisa estar no mundo como povos indígenas, negros, brancos e tanto quantos outros povos existirem. Isso demanda a superação de tantos preconceitos.

O universo vai boicotar todos os preconceitos. A energia da terra precisa ser renovada sempre e as idéias novas precisam conquistar mais espaço. O corpo e a alma querem novos desafios. O futuro está à nossa porta, próximo a todos nós, e todas as idéias terão chance de aparecer. O que for de fato importante ficará. Não somos e nunca seremos juizes dos sonhos do próximo. Para ter fé em nosso caminho, não precisamos provar para ninguém que o caminho do outro está errado. Quem costuma agir assim se sente inseguro e não confia nos próprios passos. (COELHO, 2009)

Há quem diga, condicionado a uma visão cultural, que acentuar, demarcar as diferenças é propiciar e alimentar a divisão na sociedade. Ainda mais se essas diferenças estiverem relacionadas aos grupos étnicos como afros descendentes ou indígenas no Brasil. Nesse caso, os fatores ideológicos, assoberbados pela prepotência acadêmica, vinculada aos privilégios seculares, acabam tornando-se mais um ingrediente nas discussões. A falácia da igualdade propalada e sustentada pelo mito da democracia racial reverbera em forma de intelectualidade, querendo fazer crer que seja possível um grupo ter a sua identidade condicionada àquilo que o outro diz sobre si. Não queremos com isso dizer que alguns intelectuais não possam se manifestar sobre as identidades de negros e índios no Brasil, até porque, vivemos em um país que se diz democrático, apesar desses dois grupos étnicos não se encontrarem representados nas instâncias de decisões, ou quando muito, sub representados. Afirmamos, entretanto que em determinados momentos, alguns intelectuais na sociedade brasileira, perdem a oportunidade de ficarem calados. Certamente o seu silêncio prestaria um grande serviço à nação, e de quebra a si mesmos pela não exposição ao ridículo.

A fala de Thini-á nos revela o quão pouco sabemos sobre os povos formadores da cultura brasileira. Na verdade, quase sabemos sobre suas histórias, suas lutas, seus sonhos, suas aspirações. O outro, não apenas é diferente para nós,



ele é um verdadeiro desconhecido. Sem conhecimento do outro, sem seu reconhecimento não poderá haver valorização e muito menos respeito à sua diferença como direito à existência.

### 3. Ecoando e reverberando em nós

É possível qualificar nossos ouvidos para ouvir algo que não estamos acostumados a ouvir. É possível qualificar nosso olhar para vermos coisas ou realidades que até então se nos passavam despercebidas. É possível prepararmos nossa mente à compreensão de dimensões da vida que ainda não se nos tinham manifestadas, bem como é possível abriremos o coração para amar as diferenças, até então desconhecidas, ignoradas.

Os múltiplos significados da fala de Thini-á podem ser percebidas nas repercussões causadas nos participantes do evento. Passamos a seguir, apresentar algumas dessas repercussões. Os depoimentos serão classificados como A, B, C e D, em função de preservação do anonimato do depoente.

Thini-á, hoje, eu considero como um amigo muito querido. Não há como não respeitá-lo, não enxergar nele um brasileiro inteligente, forte, dedicado e ao mesmo tempo, de uma sensibilidade sem fim. Vivencia a transculturação de maneira intensa, transitando entre seu povo e a nossa cultura sem se perder de seu objetivo, sem deixar de ser o que quer e sonha (depoente A)

Na fala de “A” transparecem os aspectos identitários na relação do sujeito com as diferenças culturais. Não precisa necessariamente perder a sua identidade para transitar no universo da diversidade cultural.

Nada acontece por acaso. Quis a Providência Divina que esse encontro acontecesse. Estou maravilhado da grandeza e da riqueza por Thini-á aqui compartilhada. Estou profundamente agradecido a essa Universidade por me proporcionar essa oportunidade de crescimento humano. A humanidade, e de modo particular, a sociedade brasileira, poderia ser bem diferente, tivesse ela assimilado alguns valores tão caros a todos nós, e que se explicitaram nas sábias palavras aqui hoje proferidas de forma tão sensível, tão simples e verdadeiras (depoente B)

A volta às raízes da cultura formadora do Brasil pode contribuir decisivamente na busca de soluções para alguns problemas presentes na sociedade brasileira. A perda da referência de tantos valores presentes nas culturas de matriz

indígenas foi desvirtuando algumas práticas sociais, nas quais, o ser deixou de ser privilegiado em função do ter. Em muitas situações, oxalá pudéssemos todos aprender e ou mesmo reaprender, com os indígenas. Em uma sociedade plural, aprender com as diferenças pode fazer a diferença.

A apresentação do Seminário “Matriz Indígena” foi muito gratificante, porque mesmo participando como Mestranda da UNIGRANRIO do Programa de Pós-Graduação eu não conseguiria por intermédio da academia vivenciar algo inexplicável que é o reviver da memória de uma história narrada pelo índio Thini-á da tribo Fulni-ô onde é apresentada com uma ludicidade sobre a importância da diversidade cultural e linguística de um povo que foi tão massacrado por nós “brancos” que bradamos a civilização de quê ou para quê? Ele apenas deseja que não seja dizimada a história de um povo que era dono deste Brasil. Sou grata pela oportunidade única de compartilhar como essa vivência de um ensino que não se fala nos livros e sim da alma de uma etnia sofrida (depoente C)

É incontestável que os livros nos ajudam muito na construção do conhecimento. Entretanto, algumas realidades, tornam-se mais fáceis de serem compreendidas quando admitimos para nós mesmos ouvir a voz dos sujeitos envolvidos no processo de reconstrução da dignidade humana . Falar sobre os índios, qualquer um de nós pode falar, mas falar como índio, só eles, os índios, podem falar. E isso faz muita diferença. Nessa perspectiva, o trabalho de BURKE (1992) nos oferece uma contribuição singular, onde demonstra a relevância da fala, da voz dos novos sujeitos como uma nova perspectiva para a história.

Foi em uma aula de mestrado que tive o privilégio de ter presente um índio articulado nas lutas, desejos e anseios de seu povo. Nada melhor do que o próprio índio falar-nos de seu povo, seus costumes, como vivem hoje, quais suas realidades, o que sofrem e quais suas dificuldades frente à vida urbana. Como é estar nessa realidade e como seria viver hoje como um Índio? Questionamentos que tentam destruir estereótipos que levam à reflexão de como apresentamos este Índio para nossos alunos. Trata-se de algo simples, que vem na essência de como enxergamos o outro. E o índio chamado *Thini-á*, da tribo *Fulni-ô*, em sua fala, veio trazer um pouco de sua vivência. (...) *Thini-á*, em suas palavras, foi autêntico. Falou sobre humanidade, amor, encantou a todos os que estavam presentes. Falou de valores, do ser e do agir humanos. Tem uma fala simples, que ao falar de povo, mostra a relação humana procurando incorporar a todos os ouvintes ali presentes, a pureza que vamos perdendo no nosso dia a dia em função do tempo, da ganância do ter e ser, e que nos esquecemos do outro que está ao nosso lado. Somos todos “irmãos”, e com isso, deveríamos respeitar-nos, ainda que sejamos sempre diferentes. O discurso de um índio que luta para garantir a dignidade do seu povo que está condenado à extinção de sua cultura, fala, com tristeza, do possível fim de uma cultura tão rica em sabedoria e espiritualidade. *Thini-á*, um defensor da dignidade indígena, da terra, da natureza e da liberdade. Essa mesma dignidade que “grita” em cada um de nós, mostra que devemos ser multiplicadores do amor, da solidariedade, da harmonia, completar um ao outro na formação das crianças e jovens que são a esperança do Brasil de amanhã. (depoente D)

As múltiplas falas de nossos participantes no encontro demonstram a singeleza e ao mesmo tempo a riqueza de uma vida partilhada à luz de uma cultura marginalizada historicamente no país. Trata-se de uma verdadeira evocação às nossas consciências cidadãs. Com relação aos depoimentos, achei oportuno fechá-los com o que se segue por entender que tantos questionamentos aqui apresentados instiga a cada um de nós no cotidiano das relações com as diferenças, sobretudo as originadas da pluralidade cultural presente na sociedade brasileira.

Uma experiência única! É assim que defino a presença de Thini-á na aula de Cultura Brasileira do PPGLCH. A oportunidade de ver, ouvir e sentir o nativo provocou em mim uma enxurrada de reflexões e questionamentos que despertaram a minha curiosidade histórica. Sua inteligência e seu senso crítico, assim como sua sensibilidade e percepção merecem ser destacadas. Desse contato, ficaram várias dúvidas; o que é muito positivo, já que me impulsiona no sentido de ampliar o diálogo com Thini-á. E ficaram também algumas certezas: o desafio diário que esse homem enfrenta para não deixar morrer sua cultura e o quanto podemos aprender com ele e seu povo para tornarmos-nos seres humanos melhores. (depoente E)

## **Conclusão**

Recordando o poema de Fernando Pessoa, transformado em música e cantado por Vinícius de Moraes, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”, o que presenciamos no encontro com Thini-á no seminário realizado no Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio, revelou a grandeza de alma e espírito de um povo, de uma cultura. Num mesmo instante, evoca a cada um de nós a buscar a grandeza de alma para perceber, assimilar e valorizar tais realidades. As revelações feitas por Thini-á explicitaram sonhos, esperanças e utopias. É um grito silencioso, um gemido da alma, um clamor do espírito. Existem povos, existem culturas. São diferentes sim, não podem morrer, têm direito à existência nas suas diferenças. Então sim, “filhos dessa terra mãe gentil, Pátria amada Brasil”.

## **Referência Bibliográfica**

BURKE, Peter (org.). A Escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo,: UNESP, 1992.

COELHO, Paulo. Abaixo o preconceito. In Jornal Extra, Rio de Janeiro: Sessão Extra, 18 de maio de 2009, p.1)

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HOFMANN, Ângela Ariadne. In BERGAMASKI, Maria Aparecida.(org.). Povos Indígenas e Educação. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

MONDIN, Battista. O Homem Quem é Ele? Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paullus, 2005, 12ª Edição.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 2006, 8ª reimpre. 5ª edição de 1994.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 27ª reimpressão, 2005.

ROCHA, José Geraldo da. Teologia e Negritude: Um estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros. Santa Maria: Pallotti, 1998.

SANTOS, José Luiz dos. O Que é Cultura. São Paulo: Brasiliense, 2005.

THINI-Á. *thiniafulnio.com.br*